

HELENA P. BLAVATSKY sobre a HUMANIDADE

A CHAVE PARA A TEOSOFIA, p.190 (ED. TEOSÓFICA)

TEÓSOFO. A Teosofia considera a humanidade como uma emanção da divindade em sua senda de retorno a ela.

A CHAVE PARA A TEOSOFIA, p.50-3 (ED. TEOSÓFICA)

Pergunta: Mas como a Teosofia explica a origem comum do homem?

Teósofo: Ensinando que a raiz de toda a natureza, objetiva e subjetiva, e tudo o mais no universo, visível e invisível, é, foi, e sempre será uma essência absoluta, da qual tudo vem, e para a qual tudo retorna. Isto é filosofia ariana, representada plenamente apenas pelos vedantinos e pelo sistema budhista. Com este objetivo em mente, é dever de todo teósofo promover de todas as formas práticas, e em todos os países, a difusão de uma educação não-sectária.

P: O que os estatutos de sua Sociedade aconselham seus membros a fazer além disto? No plano físico, quero dizer.

T: Com o objetivo de despertar sentimentos fraternos entre as nações, devemos tomar parte na permuta internacional de artes e produtos úteis, por meio de conselhos, informações e cooperação com todos os indivíduos e associações que o mereçam (contanto que, acrescentam os estatutos, “nenhum benefício ou porcentagem sejam tomados pela Sociedade ou por seus membros por seus serviços nesta associação”). Para usar um exemplo prático, a organização de sociedade descrita por Edward Bellamy em sua magnífica obra Looking Backwards (Olhando Para Trás) representa admiravelmente a idéia teosófica da qual deveria ser o primeiro grande passo na direção da plena realização da fraternidade universal. O estado de coisas que ele descreve não alcança a perfeição porque o egoísmo ainda existe e opera nos corações dos homens. Mas em geral, o egoísmo e o individualismo foram superados pelo sentimento de solidariedade e fraternidade mútua; e o esquema de vida ali descrito reduz as causas, tendendo a criar e promover o egoísmo apenas em uma medida mínima.

P: Então, como teósofa, você tomará parte no esforço para realizar um ideal tal como este?

T: Certamente; e nós o provamos através da ação. Você não ouviu falar dos clubes e do partido Nacionalista que surgiram na América desde a publicação do livro de Bellamy? Agora eles estão assumindo a dianteira proeminentemente, e o farão cada vez mais à medida que o tempo for passando. Bem, estes clubes e este partido foram iniciados primeiramente por teósofos. Um dos primeiros clubes, o Clube Nacionalista de Boston, Massachusetts, tem como presidente e secretário dois teósofos, e a maioria de sua direção executiva pertence à S.T.. Na constituição de todos os seus clubes, e do partido que eles estão formando, a influência da Teosofia e da Sociedade é evidente, pois todos assumem como base o seu primeiro e fundamental princípio, a fraternidade da Humanidade, como ensinada pela Teosofia. Em sua declaração de princípios eles afirmam: "O princípio da Fraternidade da Humanidade é uma das verdades eternas que governam o progresso do mundo em linhas que distinguem a natureza humana da natureza bruta". O que pode ser mais teosófico do que isto? Mas não é o suficiente. Também é necessário impregnar nos homens a idéia de que, se a raiz da humanidade é una, então também tem de haver uma verdade que encontra expressão em todas as várias religiões – com exceção da judaica, já que não se a encontra expressa mesmo na Kabala.

P: Isso se refere à origem comum das religiões, e aí você pode estar certa. Mas como isso se aplica à fraternidade prática no plano físico?

T: Em primeiro lugar, porque aquilo que é verdade no plano metafísico tem de ser também verdade no físico. Em segundo lugar, porque não existe fonte mais fértil de ódio e conflito do que as diferenças religiosas. Quando uma parte ou outra pensa que é a única possuidora da verdade absoluta, torna-se perfeitamente natural que ela pense que seu vizinho está nas garras do Erro ou do Demônio. Mas uma vez que se consiga fazer ver a um homem que nenhuma delas tem a verdade inteira, mas que todas elas são mutuamente complementares; que a verdade completa pode ser encontrada apenas nos pontos de vista combinados de todas; e que depois que o falso em cada uma delas tiver sido excluído, então a verdadeira fraternidade na religião será estabelecida. O mesmo se aplica no mundo físico.

P: Por favor, explique um pouco mais.

T: Considere um exemplo. Uma planta consiste de uma raiz, uma haste, e de muitos brotos e folhas. Sendo a humanidade como um todo a haste que cresce da raiz espiritual, então a haste é a unidade da planta. Machuque a haste, e é óbvio que todos os brotos e folhas sofrerão. Assim é com a espécie humana.

P: Sim, mas se você danificar uma folha ou um broto, você não danificará toda a planta.

T: E portanto, você acha que ao prejudicar um homem você não prejudica a humanidade? Mas como você sabe? Você tem consciência de que mesmo a ciência materialista ensina que qualquer dano, por leve que seja, a uma planta, afeta todo o curso de seu crescimento e desenvolvimento futuros? Portanto, você está enganado, e a analogia é perfeita. Se, no entanto, você não atentar para o fato que um corte em um dedo com frequência, pode fazer todo o corpo sofrer, e reagir sobre todo o sistema nervoso, tenho de lembrá-lo que pode haver outras leis espirituais operando nas plantas e nos animais assim como na humanidade, apesar de que, ao não reconhecer sua ação sobre as plantas e os animais, você possa negar a existência delas.

P: A que leis você se refere?

T: Nós as chamamos leis “kármicas”; mas você não poderá compreender o pleno sentido do termo a menos que estude Ocultismo. No entanto, meus argumentos não se basearam na admissão destas leis, mas sim na analogia da planta. Expand a idéia, leve-a para uma aplicação universal, e logo você descobrirá que, na verdadeira filosofia, toda ação física tem seu efeito moral e permanente. Machuque um homem fisicamente; você pode pensar que sua dor e sofrimento não podem se alastrar de modo algum para seus vizinhos, muito menos para pessoas de outras nações. Afirmamos que se alastrarão, a seu tempo. Portanto, dizemos que a menos que todos os homens correspondam e aceitem como uma verdade axiomática que, prejudicando um homem nós prejudicamos não apenas a nós mesmos mas a humanidade inteira a longo prazo, nenhum sentimento fraternal tal como preconizaram todos os grandes Reformadores, especialmente Buddha e Jesus, será possível sobre a Terra.

A CHAVE PARA A TEOSOFIA, p.205-6 (ED. TEOSÓFICA)

T: Considere por um momento aquilo que você chamaria de fatos concretos da sociedade humana. Compare as vidas, não apenas das massas, mas também daquelas que são chamadas classes média e alta, com o que elas deveriam ser sob condições mais saudáveis e nobres, onde a justiça, a benevolência e o amor fossem supremos ao invés do egoísmo, indiferença e brutalidade que hoje parecem reinar. Todas as coisas boas e más na humanidade têm suas raízes no caráter humano, e este caráter é e tem sido condicionado pela cadeia infinita de causa e efeito. Mas este condicionamento se aplica ao futuro, da mesma forma que ao presente e ao passado. O egoísmo, a indiferença e a brutalidade nunca poderiam ser o estado normal da raça humana - acreditar nisso seria perder as esperanças na humanidade – e isso nenhum teósofo poderia fazer. O progresso somente pode ser alcançado através do desenvolvimento das qualidades mais nobres. Agora, a verdadeira evolução nos

ensina que, alterando o ambiente do organismo, nós podemos alterar e melhorar o organismo; e, no sentido mais estrito isto é verdade em relação ao homem. Todo teósofo, portanto, está comprometido a dar o melhor de si para ajudar, por todos os meios possíveis, todo o esforço social sábio e bem recomendado que tenha como objetivo o melhoramento da condição dos pobres. Tais esforços devem ser feitos tendo em vista a emancipação social definitiva deles, ou o desenvolvimento do senso do dever naqueles que agora, com tanta frequência, o negligenciam em quase todos os aspetos da vida.

P: De acordo. Mas quem irá decidir se os esforços sociais são sábios ou não?

T: Ninguém e nenhuma sociedade pode estabelecer uma regra rigorosa e segura a esse respeito. Muito tem de ser necessariamente deixado ao julgamento individual. Um teste geral pode, no entanto, ser sugerido. A ação proposta tende a promover aquela verdadeira fraternidade que é o objetivo da Teosofia? Nenhum verdadeiro teósofo terá muita dificuldade em aplicar tal teste. Uma vez que esteja satisfeito com ele, seu dever consistirá no direcionamento da formação da opinião pública. E isto somente poderá ser conseguido inculcando-se aquelas concepções superiores e mais nobres dos deveres públicos e privados que jazem na raiz de todo desenvolvimento espiritual e material. Em todos os casos concebíveis ele próprio terá de ser um centro de ação espiritual, sendo que dele e de sua própria vida individual diária terão de irradiar aquelas forças espirituais superiores, as únicas que poderão regenerar seus semelhantes.

P: E por que ele deveria fazer isso? Não estão, ele e todos os demais, conforme vocês mesmos ensinam, condicionados por seu *karma*, e o *karma* não tem necessariamente de traçar seus próprios caminhos?

T: É a própria lei do *karma* que dá força a tudo que eu tenho dito. O indivíduo não pode separar-se da raça, nem a raça do indivíduo. A lei do *karma* se aplica igualmente a todos, embora nem todos todos estejam igualmente desenvolvidos. Ao ajudar no desenvolvimento dos outros, o teósofo acredita que está não apenas ajudando-os a cumprir com seu *karma*, mas também, no sentido mais estrito, cumprindo o seu próprio. O que ele tem sempre em vista é o desenvolvimento da humanidade, da qual tanto um quanto os outros são partes integrantes, e ele sabe que qualquer fracasso de sua parte em responder ao que é superior dentro de si retarda não somente a si mesmo, mas a todos, em sua marcha progressiva. Através de suas ações, ele pode tornar mais difícil ou mais fácil à humanidade atingir o próximo plano superior do ser.

A DOUTRINA SECRETA, Vol. III, pp. 70-71 (ED. PENSAMENTO) [Ed. inglês: II, pp. 55-6]

E, argumentando do ponto de vista da Ciência, não vemos que até a nossa própria raça humana destes dias nos proporciona por vezes espécimes monstruosos: crianças de duas cabeças, corpos de animal com cabeça humana, crianças com cabeças de cão, etc.? Prova isso que, se a Natureza ainda permite tais caprichos, depois de normalizada durante idades sem conta a sua marcha evolutiva, a existência de monstros como os descritos por Berosus era perfeitamente possível ao iniciar-se aquela obra; e que tal possibilidade, em certa época, talvez constituísse uma lei, antes que a Natureza houvesse feito uma opção entre as espécies por ela produzidas, e começado a reeditar de modo regular os tipos escolhidos. E disso, realmente, temos agora uma prova definida nos fatos da chamada “Reversão” da Ciência.

Eis aí o que a Doutrina Secreta ensina, e o que demonstra com numerosas provas.

(...) Vemos que a Natureza falhou, quando abandonada a si mesma na criação do homem animal. Pode ela produzir os dois primeiros reinos, assim como o dos animais inferiores; mas, ao chegar a vez do homem, são necessários para sua criação poderes espirituais, independentes e inteligentes, além das “vestes de pele” e do “sopro de vida animal”. As Mônadas humanas das Rondas anteriores requerem algo mais elevado que os materiais puramente físicos para construir suas personalidades, sob pena de ficarem situadas num grau ainda inferior ao de qualquer “Frankenstein” animal.*

NOTA DE RODAPÉ: *No primeiro volume do livro *Introduction à l'Étude des Races Humaines*, do Sr. de Quatrefages, recentemente publicado, há provas de que, desde o período pós-terciário, e ainda antes desse tempo (pois que então já existiam muitas raças disseminadas pela face da Terra), o homem não variou um átomo em sua estrutura física. E se o homem esteve, durante séculos e séculos, rodeado por uma fauna que se modificava de um período ou ciclo a outro, uma fauna que desaparecia para renascer sob forma diferente, de tal modo que hoje não existe na Terra um só animal, grande ou pequeno, contemporâneo do homem daqueles tempos; se, pois, todos os animais se transformaram, exceto o homem, basta este fato para provar não só a antiguidade do homem, como ainda que ele constitui um *Reino distinto*. Por que só ele havia de escapar à transformação geral? Porque, diz Quatrefages, a arma que usava, na luta contra a Natureza, as condições geológicas e os elementos em constante mutação, era “*a sua força psíquica, e não a sua força física nem o seu corpo*”, como sucede com os animais. Dai ao homem a mesma dose de inteligência e raciocínio de que são dotados os outros mamíferos, e ele, com o seu organismo físico atual, se converterá na criatura mais desamparada da Terra. E, como tudo tende a provar que o *organismo humano, com todas as suas características, propriedades e idiosincrasias, já existia em nosso Globo naqueles remotíssimos períodos geológicos, quando ainda não havia um só exemplar das atuais formas de mamíferos*, qual é a conclusão inevitável que se impõe? Esta: Já que todas as raças humanas pertencem a uma só espécie, segue-se que esta é *a mais antiga de todos os mamíferos* hoje existentes. É, portanto, a mais estável e persistente de todas as espécies, e já se achava tão completamente desenvolvida como hoje, enquanto todos os demais mamíferos atualmente conhecidos não haviam sequer mostrado os primeiros sinais de seu aparecimento na Terra. Tal é a opinião do grande naturalista francês, que assim desfere um golpe terrível no darwinismo.

A MENTE NA NATUREZA

BLAVATSKY COLLECTED WRITINGS, Vol. XIII, p.262-68 (*Lucifer* Vol. XIX, Set. 1896, pp.9-14)

IMENSA é a presunção da ciência moderna e sem paralelo são os seus feitos. Os filósofos pré-cristãos e medievais poderão ter deixado algumas pegadas em minas inexploradas, mas a descoberta do ouro e das jóias inestimáveis se deve ao labor paciente do erudito moderno. Assim declaram que o conhecimento genuíno e verdadeiro da natureza do Kosmos e do ser humano é um fruto recente. A luxuriante planta moderna brotou das sementes mortas das superstições antigas.

Tal, contudo, não é a perspectiva dos estudantes de Teosofia, que dizem que não é suficiente falar desdenhosamente das “concepções insustentáveis de um passado inculto”, como o Sr. Tyndall e outros têm feito, para ocultar as minas intelectuais a partir das quais as reputações de tantos filósofos e cientistas modernos foram esculpidas. Quantos dos nossos distintos cientistas ganharam honra e reputação por simplesmente embelezarem as ideias daqueles antigos filósofos, os quais eles estão sempre prontos a menosprezar, é algo deixado para uma posteridade imparcial dizer. Mas a presunção e o orgulho tomaram conta dos cérebros dos doutos comuns, como dois cancros hediondos, e este é especialmente o caso com os Orientalistas-Sânskritistas, egiptólogos e assiriólogos. Os primeiros são guiados (ou talvez finjam ser guiados) por comentadores pós-Mahâbhârata, enquanto os últimos interpretam papiros arbitrariamente, combinando isso com o que um qualquer escritor grego disse, ou que silenciosamente evitou, e valem-se das inscrições cuneiformes em tábuas de argila semi-destruídas copiadas pelos Assírios a partir do legado dos “Accado-” Babilônios. Muitos deles estão inclinados a esquecer, em cada oportunidade conveniente, que as inúmeras alterações idiomáticas, a fraseologia alegórica e o evidente secretismo dos antigos escritores místicos, que estavam geralmente sob a obrigação de jamais divulgar os segredos solenes do santuário, poderão ter infelizmente iludido quer tradutores quer comentadores. A maioria dos nossos Orientalistas, em lugar de admitir a sua ignorância, preferem que a sua presunção se sobreponha à sua lógica e às faculdades racionais, e irão orgulhosamente reivindicar, como o fez o professor Sayce (1), que decifram o verdadeiro

significado dos símbolos religiosos da Antiguidade, e que podem interpretar textos esotéricos muito mais corretamente que os hierofantes iniciados da Caldeia e do Egito. Isto equivale a dizer que os antigos hierogramáticos e sacerdotes, que foram os inventores de todas as alegorias que serviram como véus às muitas verdades ensinadas nas Iniciações, não entendiam os textos sagrados recompilados ou escritos por eles próprios. Mas isto está a par com outra ilusão de alguns sânscritistas, que, embora nunca tenham estado na Índia, afirmam conhecer a pronúncia Sânskrita, bem como o significado das alegorias Védicas, muito melhor que os maiores sábios brâmanes e eruditos do Sânskrita da Índia.

Depois disto não surpreende que o jargão e os enigmas velados dos nossos alquimistas cabalistas medievais também sejam lidos literalmente pelo estudante moderno; que o Grego e mesmo as ideias de Êsquilo sejam *corrigidas* e melhoradas pelos acadêmicos de Grego de Cambridge e Oxford, e que as parábolas veladas de Platão se atribuam à sua “ignorância”. Contudo, se os estudantes de línguas mortas conhecem alguma coisa, deveriam saber que o método do determinismo extremo se pratica tanto na antiga como na filosofia moderna; que desde as primeiras eras do homem, as verdades fundamentais de tudo o que nós é permitido saber na terra estavam à guarda dos Adeptos do santuário; que as diferenças nos credos e na prática religiosa eram apenas externas; e que esses guardiões da revelação divina primitiva, que tinham resolvido todos os problemas que estão ao alcance do intelecto humano, estavam unidos por uma franco-maçonomia universal de ciência e filosofia, formando uma cadeia inquebrável à volta do globo. Cabe à filologia e aos Orientalistas esforçarem-se por encontrar o fio à meada. Mas se eles persistirem em procurá-lo apenas numa direção, e se esta for a errada, a verdade e os factos nunca serão descobertos. É assim dever da psicologia e da Teosofia ajudar o mundo a chegar a eles. Estudemos as religiões orientais à luz da filosofia Oriental e não da Ocidental, e se por acaso conseguirmos desatar um só nó numa parte dos antigos sistemas religiosos, então a cadeia de mistério pode ser desemaranhada. Mas para conseguir isto, não podemos concordar com aqueles que ensinam que é anti-filosófico investigar sobre as causas primeiras, e que tudo o que podemos fazer é considerar os seus efeitos físicos. O campo da investigação científica está limitado pela natureza física por todos os lados; portanto, uma vez que os limites da matéria sejam atingidos, a pesquisa deve parar e o trabalho deve recomeçar. Como o Teósofo não pretende ser uma espécie de esquilo numa roda giratória, deve recusar seguir o caminho dos materialistas. De qualquer modo, ele sabe que as revoluções do mundo físico são, de acordo com a doutrina antiga, acompanhadas por idênticas revoluções no mundo do intelecto, pois a evolução espiritual no universo prossegue em ciclos, tal como a evolução física. Não vemos na história uma alternância regular de fluxo e refluxo na maré do progresso humano? Não vemos na história, e mesmo na nossa própria experiência, que os grandes reinos do mundo, depois de atingirem o pináculo da sua grandeza, entram em decadência, em harmonia com a mesma lei pela qual ascenderam? Da mesma forma, depois de ter atingido o seu ponto mais baixo, a humanidade recompõe-se e ascende uma vez mais, a uma altura, por esta lei da progressão ascendente por ciclos, mais elevada que o ponto a partir da qual tinha decaído anteriormente. Os reinos e os impérios estão sob as mesmas leis cíclicas que as plantas, as raças e tudo o mais no Kosmos.

A divisão da história da humanidade naquilo que os Hindus chamam de Sattva, Tretya, Dvâpara e Kali Yugas, ou naquilo a que os Gregos chamam de “Idades do Ouro, da Prata, Cobre e Ferro” não é ficção. Vemos a mesma coisa na literatura dos povos. Uma era de grande inspiração e produtividade espontânea é invariavelmente seguida por uma era de crítica e de análise. A primeira fornece material para o intelecto crítico e analítico da segunda. “O momento é mais oportuno do que nunca para revisar as filosofias antigas. Arqueólogos, filólogos, astrônomos, químicos e físicos estão cada vez mais se aproximando do ponto em que serão forçados a levá-las em consideração. A ciência física já atingiu os seus limites de exploração; a teologia dogmática vê secarem as suas fontes de inspiração. A menos que os sinais nos enganem, aproxima-se o dia em que o mundo receberá as provas de que apenas as religiões antigas estavam em harmonia com a Natureza, e de que a ciência abarcava tudo o que pode ser conhecido.” Uma vez mais a profecia feita em *Ísis sem Véu* há 22 anos é reiterada. “Segredos longamente mantidos poderão ser revelados, livros longamente esquecidos e artes, durante muito tempo perdidas, poderão ser novamente trazidos à luz; papiros e pergaminhos de importância

inestimável surgirão nas mãos de homens que pretenderão tê-los desenrolado das múmias; ou tê-los encontrado nas criptas soterrados; tábuas e colunas, cujas revelações esculpidas desconcertarão os teólogos e confundirão os cientistas, poderão ser desenterradas e interpretadas. Quem conhece as possibilidades do futuro? Uma era de desilusão e de reconstrução vai começar – não, já começou. O ciclo quase cumpriu o seu curso; um novo ciclo está prestes a começar, e as futuras páginas da história do homem não só conterão a plena evidência, como também conduzirão à plena prova do que foi acima referido.” (*Ísis sem Véu*, vol. I, p.129)

Desde a altura em que isto foi escrito grande parte do seu conteúdo tornou-se realidade, a descoberta das tábuas de argila Assírias e os seus registos forçaram os intérpretes das inscrições cuneiformes – quer cristãos quer livre-pensadores – a alterar a própria idade do mundo (2)

A cronologia dos *Purânas* Hindus, reproduzidos em “A Doutrina Secreta”, é hoje ridicularizada, mas virá o tempo em que será universalmente aceite. Isto pode ser visto apenas como uma simples suposição, mas só por agora. Na verdade, não é mais do que uma questão de tempo. A questão da disputa entre os defensores da sabedoria antiga e os seus detratores – leigos e clericais – reside (a) na compreensão incorreta das filosofias antigas, pela falta de chaves que os Assiriólogos se ufanam de ter descoberto; e (b) nas tendências materialistas e antropomórficas da Idade. Isto, de maneira alguma, impede que os Darwinistas e os filósofos materialistas escavem nas minas intelectuais dos antigos e se beneficiem da riqueza de idéias que ali encontram; nem os sacerdotes de descobrir os dogmas cristãos na filosofia de Platão e chamá-los de “pressentimentos”, como no *Monumental Christianity* do Dr. Lundy, e noutros trabalhos modernos semelhantes.

De tais “pressentimentos” toda a literatura – ou aquilo que resta da literatura sacerdotal – da Índia, Egito, Caldeia, Pérsia, Grécia e até da Guatemala (*Popol Vuh*), está cheia. Baseada na mesma pedra angular – os antigos Mistérios – as religiões primitivas, todas sem exceção, refletem o mais importante das crenças universais, como, por exemplo, o Princípio divino universal e impessoal, absoluto na sua natureza, e incognoscível para o intelecto “da mente”, ou para o entendimento limitado e condicionado do ser humano. Imaginar uma testemunha no universo manifestado, outra que não a Mente Universal, a Alma do universo, é impossível. Aquilo que permanece como uma evidência perene e incessante e prova da existência daquele Princípio Uno, é a presença de um desígnio inegável no mecanismo cósmico, o nascimento, o crescimento, a morte e a transformação de tudo no universo, desde as estrelas inantigáveis e silenciosas até ao humilde líquen, desde o ser humano até às vidas invisíveis agora chamadas de micróbios. Daqui resulta a aceitação universal do “Pensamento Divino”, o Anima Mundi da Antiguidade. Esta ideia de Mahat, (o grande) Akâshâ ou a aura de transformação de Brahmâ entre os Hindus, a ideia de Alaya, “a Alma divina de pensamento e de compaixão” dos místicos trans-Himalaicos; a ideia da “Deidade perpetuamente raciocinando” de Platão, é a mais velha de todas as doutrinas que hoje se conhecem, e nas quais acredita a humanidade. Portanto não se pode dizer que originaram-se com Platão, nem com Pitágoras, nem com nenhum dos filósofos dentro do período histórico. Dizem os *Oráculos Caldeus*: “As obras da natureza coexistem com a Luz intelectual [νοερωι] e espiritual do Pai, pois é a Alma [ψυχη] que adorna o grande céu, e que a adorna como o Pai.” [Proclo em Timeu, 106] “O mundo incorpóreo então estava já terminado, tendo a sua morada na Razão Divina”, diz Fílon, o qual é erradamente acusado de ter derivado a sua filosofia de Platão.

Na Teogonia de Moco, encontramos primeiro o Éter, e depois o Ar; os dois princípios a partir dos quais Ulom, o Deus (o universo visível da matéria) inteligível [νοητος] nasce.

Nos hinos Órficos, o Eros-Fanes desenvolve-se a partir do Ovo Espiritual, que os ventos etéreos impregnam, os ventos aqui a serem “o Espírito de Deus” que se diz mover no éter, “pairando sobre o Caos” – a “Ideia” Divina. No *Kathopanishad* Hindu, Purusha, o Espírito Divino antecede a Matéria original. Da sua união resulta a grande Alma do Mundo, “Maha-Âtmâ, Brahm, o Espírito da Vida;”. Estas designações posteriores são sinónimos de Alma Universal, ou Anima Mundi e da Luz Astral dos Teurgistas e Kabalistas.

Pitágoras desenvolveu as suas doutrinas a partir dos santuários orientais e Platão, que as havia aceitado completamente, compilou-as numa forma mais inteligível para a mente não iniciada, que os

números misteriosos de Pitágoras. Assim, o Kosmos é para Platão “o Filho”, tendo como seu pai e sua mãe o Pensamento Divino e a Matéria. O “Ser Primário” (*Seres*, para os Teósofos, como o agregado coletivo dos Raios divinos), é uma emanção da Mente Universal ou Demiúrgica a qual contém, desde a eternidade, a ideia do “mundo a ser criado” dentro dela própria, cuja ideia, o LOGOS imanifestado produz de Si próprio. A primeira Idéia “nascida da escuridão antes da criação do mundo” permanece na Mente imanifestada; a segunda é esta Idéia que se desprende da reflexão da Mente (agora o LOGOS manifestado), revestindo-se de matéria, e assumindo uma existência objetiva.

NOTA (1):

Ver as *Hibbert Lectures* de 1887, páginas 14-17, sobre a origem e desenvolvimento da religião dos antigos Babilônios, nas quais o Prof. A.H. Sayce diz que embora “muitos dos textos sagrados tivessem sido escritos *apenas* para serem inteligíveis *para os iniciados* [itálicos meus]...acompanhados de chaves e comentários”, não obstante, como muitos destes “estão nas nossas mãos”, eles (os Orientalistas) possuem “uma pista para a interpretação destes documentos que nem os sacerdotes iniciados possuíam.” (p.17). Esta “pista” é a mania moderna, tão querida para o Sr. Gladstone, e tão murcha na sua monotonia para a maior parte, segundo a qual, em cada símbolo das religiões antigas os Orientalistas identificam um mito solar, degradado, sempre que há a oportunidade, para um símbolo sexual ou fálico. Daí a afirmação que enquanto “Gisduhar não era mais que um herói e conquistador dos velhos tempos”, para os Orientalistas, que “podem decifrar os mitos”, ele não é mais do que um herói solar, que era ele próprio não mais do que o descendente transformado de um Deus menor do Fogo (*loc. cit* p.17).

NOTA (2):

Sargão, o primeiro monarca “Semita” da Babilônia, o protótipo e Moisés original, é agora colocado em 3 750 anos A.C. (p.21) e a Terceira Dinastia do Egito “há cerca de 6 000 anos”, ou seja alguns anos antes do mundo ter sido criado, em concordância com a cronologia bíblica (Vide *Hibbert Lectures on Babylonia*, por A. H. Sayce, 1887, pp. 21 e 33.)